ANO 11.º

Sexta-feira, 27 de Dezembro de 1918

Numero 553

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—==(*)==—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Prudencia!

—==(*)==—

Não tem desventuradamente remedio o covarde feito desse facinora que lançou, com a bestialidade do seu acto, o paiz na incerteza do dia de ámanhã, dado e reconhecido, como ninguem o nega, a suma gravidade do actual momento historico para a nossa desditosa Patria.

Se o bispo de Vizeu, o bispo Alves Martins, podessem conhecer da situação aflitiva porque angustiosamente estâmos passando, mais devida dos desvarios da nossa péssima orientação politica interna, do que ás consequencias que nos possa ter acarretado o estado geral creado pela guerra ao mundo inteiro, mas especialmente a nós como paiz pobre e beligerante, o bispo diria outra vez sem errar muito: *anda coisa no ar.*

Prudencia, senhores!

O paiz está farto de loucuras, de erros de toda a especie, de experiencias, de revoluções, de crimes, de prepotencias, de perseguições, de disparates, enfim.

Não agravemos o mal com novos males, com novos erros que só pódem afastar nos as simpatias dos povos civilisados e fazer-nos pagar caro a imprudencia das nossas leviandades.

Estâmos a pequena distancia da conferencia da paz e convém saber se os governos portuguêses estabeleçem como tirocinio permanente para esse solenissimo acto, onde vão jogar-se os destinos de muitas nações, os disturbios internos que, já agora, parece serem o pão quotidiano deste povo de *tradicional brandura de costumes.*

A atmosfera que se está creando na politica portuguêsa é absolutamente insuportavel e, desgraçadamente, não vejo donde sáia um lampejo de bom senso que permita augurar dias de mais socêgo do que os actuais, dias de socêgo a que todos temos sacratissimo direito, dias de que ninguem tem o direito de privar-nos, depois dos sacrificios a que, de bôa-mente, o paiz inteiro se submeteu para tomar o seu logar ao lado dos aliados.

Anda coisa no ar.

Suspeita-se, não se sabe de quê.

Pergunta-se, não se sabe porquê.

Espera-se, sem saber o que se espera, e passam os dias nesta anciedade, nesta incertêsa que enerva, que impacienta, que irrita.

A intransigencia a que se chegou nas opiniões politicas, já é mais que intransigencia: é irredutibilidade, é odio.

Ser monarquico, é odiar o que é republicano; ser democratico é declarar-se inimigo do sidonismo e chegou já o partidarismo a formular tão intransigente e inconvenientemente pessoas que os diferentes partidos, partidinhos e partidecos; grupos, grupelhos e patrulhas, são mais conhecidos pelos nomes dos seus chefes do que pela designação que lhe concretisa os fins e o programa.

E' preciso arripiar caminho. E' preciso evitar que nos chamem lá fóra um paiz de desordeiros e de inconscientes.

Ponham-se de parte gestos de força que não acalmam, que, pelo contrario, só exacerbam e exaltam mais os animos.

Acabem-se de uma vez com as perseguições politicas e entregue se a manutenção da ordem a autoridades que da autoridade só façam o uzo que a justiça pedir.

Entremos, finalmente, em politica genuinamente republicana, em politica de acalmação, de inteligencia de partidos, pondo de parte rivalidades injustificadas e contrarias aos interesses superiores da nação.

Acabe-se com o personalismo e sirvam-se apenas ideias e principios.

Sirva-se e olhe-se finalmente para a Patria e só para a Patria, dando a esta o que para aí se desperdiça na luta ingloria dos partidos.

E' tempo de se entrar no caminho do bom-senso, do critério e da prudencia.

Humberto Beça

Por traição

Foi de novo posto na fronteira, expulso do paiz, o deputado monarquico, director de *O Liberal*, dr. Teles de Vasconcelos, a contas com a policia internacional de investigação, que, ao que parece, possue bastantes dados para o considerar como agente da Alemanha e portanto traidor á Patria.

Pena foi que se tivesse feito tanta politica com o caso e se não respeitassem as deliberações do anterior governo... neste particular.

Moções politicas

—=(*)=—

Acabam de vir a lume os documentos que seguem:

O Directorio do Partido Republicano Português exprime em seu nome e no do partido que representa, o veemente desejo de que em bem da Patria e da Republica se solucione a actual e gráve crise nacional; e, reprovando energicamente o atentado cometido, protesta empregar todos os meios ao seu alcance para que aquela solução seja obtida, afastando as violencias como politica do governo ou como politica de oposição.

O Partido Republicano Português dará o seu apoio a qualquer governo que, norteado por um alto espirito patriotico e republicano, garanta a continuação das instituições republicanas, o regresso á normalidade constitucional, assegurando um regimen de tolerancia, respeito mutuo e serena discussão.

O Partido Republicano Evolucionista, coerente com a sua inalteravel e bem conhecida orientação, reprova em absoluto o atentado de que foi vitima o snr. dr. Sidonio Paes e, colocando, como sempre, acima de todos os interesses partidarios, o bem da Patria e da Republica, declara que, neste momento gráve de crise nacional, dará força e apoio a qualquer governo que defenda e garanta:

1.º, os destinos da nacionalidade; 2.º, a estabilidade do regimen republicano; 3.º, a ordem publica; 4.º, a vida, a liberdade e a propriedade dos cidadãos contra as paixões de quaesquer grupos ou facções, ou contra os abusos ou excessos de quaesquer autoridades ou agentes da força publica.

O Directorio da União Republicana lamenta profundamente e reprova com toda a energia o atentado que vitimou o sr. Presidente da Republica; e mais uma vez afirma a necessidade de se dirimirem as nossas lutas politicas no campo legal, sem intervenção de quaesquer meios violentos.

A'queles que dirigirem os destinos da Patria Portuguêsa, qualquer que seja o grupo republicano a que pertençam, pondo em prática os principios genuinamente republicanos, mantendo a ordem sem violencias nem perseguições e respeitando as liberdades e direitos dos cidadãos, dará a União Republicana todo o seu apoio.

Não comentâmos. Diremos apenas que identicos protestos e outras manifestações de caloroso amor patrio se teem evidenciado por parte dos tres grupos politicos, mas a respeito de se transformarem em realidade, estão á vista as provas.

Se nem durante a guerra foi possivel manter estreita união e a solidariedade que as circunstancias reclamava entre a familia portuguêsa e, em especial, entre a familia republicana, como podemos nós admitir que seja sincéro o *leal apoio* de agora á governação do Estado?

Palavras, palavras e só palavras.

Como se de palavriado não estivesse o paiz farto a bem dizer desde a primeira hora em que a Republica surgiu para o redimir.

Senhores: haja vergonha, haja brio e vâmos todos a corrigir-nos.

Não vai sem tempo.

PELA TRADIÇÃO

—=(*)=—

Dizem de Coimbra que vai em bréve ser restabelecido o tradicional toque da *cabra*, na Universidade, que tantas alegrias causava aos estudantes, quando muda, e tanta arrelia quando berrante e importuna a lembrar aos filhos de Minerva os seus deveres.

Para a sua *ressurreição* prepara a academia atraentes festejos a que, de certo, se associará a cidade, como já sucedeu por ocasião do *Centenario da Sebenta*, em que a piada esfusiou por todos os lados, e *Enterro do Gráu*.

A cabra! Que saudosos tempos, os passados, a ouvir o som plangente do antigo sino universitario!

E' que

A *cabra* quando badala
Tem um ar de desengano,
Parece que diz á gente:
— Cuidado c'o fim do ano...

Imitações

Como Caserio, o protogonista do assassinato de Sadi Carnot, presidente da Republica Francêsa, Luiz Baptista, autor da primeira tentativa contra a vida do sr. dr. Sidonio Paes, tambem teve a seu lado até ao ultimo momento, o mentor que lhe caquetisou o espirito e naturalmente armou o braço.

O mentor, porêm, fugiu, como todos os mentores daquele jaez, enquanto o discipulo ficou preso á ignominia do seu proceder e na posse da autoridade.

Apoteose final

———(*)———

Revestiu uma imponencia nunca vista, jámais egualada, o acompanhamento, até á ultima morada, no mosteiro dos Jeronimos, do sr. Presidente da Republica, barbaramente assassinado na estação do Rocio por um dos maiores bandidos que o lindo sol de Portugal aquece.

E' que não foi só Lisboa, toda a Lisboa, que acorreu a prestar as ultimas homenagens ao chefe revolucionario de 5 de Dezembro: foi tambem o resto do paiz que, por intermedio dos seus representantes, nelas tomou parte, assim como delegações estrangeiras e que imprimiram ao pomposo cortejo a maior grandiosidade e imponencia.

Mais de 600 corôas foram depostas sobre o feretro, que atravessou as ruas da cidade de marmore entre alas compactas de povo, vendo-se egualmente as janelas pejadas de senhoras trajando rigoroso luto e por diferentes pontos palanques onde as creanças das escolas entoavam a *Portuguêsa*, não sendo facil descrever o fremito de sentimentalidade que se notava na fisionomia de todos quantos assistiam ao desfile do maior acompanhamento funebre que a capital tem presenciado.

Nalguns sitios deram-se incidentes dos quaes resultaram tumultos, correrías e tiros, atingindo maior gravidade os da Rua Augusta, em que chegou a morrer gente, tal a confusão estabelecida em determinado momento.

Varava das 20 horas quando o corpo do sr. dr. Sidonio Paes entrou nos Jeronimos, onde recebeu a ultima encomendação, recolhendo a seguir á derradeira morada.

* * *

Aproveitando os funeraes do malogrado presidente da Republica, o Porto celebrou á mesma hora que Lisboa, outra manifestação de saudade.

Se é precisa a morte do homem para se avaliar do justo conceito em que o paiz o tem, este, *morreu bem*, porque, se a alma sente, a do dr. Sidonio Paes teve a suprema ventura, o justificado orgulho de se sentir chorada quasi por um paiz inteiro.

O enorme templo da Trindade, repleto até ás portas, não comportou a multidão de gente que ali acorreu numa ultima homenagem ao homem que em si encarnou as mais puras intenções de fazer resurgir o seu paiz para dias de maior gloria.

O largo apinhou-se de gente que no templo—um dos mais vastos do Porto—não achou já logar, retirando áinda muita para não ficar na rua, com receio da chuva que o dia prometia e com que ameaçava de quando em vez.

O Porto, patenteou bem a confiança que tinha no valoroso presidente da Republica, que, contra todas as prevenções, não queria deixar de visita-lo, diz-se agora, para lhe fazer mais uma vez as suas afirmações de republicano de principios e apagar certas veleidades monarquicas que vinham de desenhar-se ha um tempo a esta parte.

Sidonio Paes não chegou á Invicta cidade, porque a mão de um bandido o prostrou no caminho; mas o Porto agradeceu-lhe a intenção, comparecendo, em massa, no que em todas as suas classes tinha de mais elevado, á missa que não foi só um acto de sentimento religioso e de saudoso preito, mas uma afirmação patriotica de que todos os homens de bem, os homens sincéros, criam na purêza de intenções do Presidente e se tinha com ele integrado no seu programa de resurgimento e regeneração nacional.

* * *

Como dissémos, teve logar no ultimo sabado a missa que, sufragando a alma do extinto presidente, mandou rezar no mosteiro de Jesus a guarnição militar desta cidade.

O rico templo, ao centro do qual se erguia um catafalso, donde pendia um anjo segurando largas fitas de crépes, envolvendo o retrato do dr. Sidonio Paes, com as inscrições indicando o nascimento: *1 de maio de 1872*; data da sua eleição: *28 de abril de 1918* e data da morte: *14 de dezembro de 1918*, encontrava-se repleto assim como o vasto côro, onde uma numerosa e selecta sociedade tomou logar, acedendo ao convite feito.

Durante o acto religioso foram cantadas várias composições musicaes, acompanhadas a orgão pela distinta professora snr.ª D. Julia Nobrega.

Foi, sem duvida, uma publica e eloquente demonstração de saudade e protesto contra o execrando crime.

Durante a tarde desse mesmo dia, a convite da Associação Comercial todos os estabelecimentos, sem excepção, encerraram as suas portas, paralisando tambem o trabalho em todas as oficinas.

NOVO BARCO

Foi já lançado dos estaleiros da Gafanha á agua, o novo lugre ali construido, de 500 toneladas, *Atlas*, propriedade da Companhia Aveirense de Navegação e Pesca, de que é gerente o nosso amigo Antonio Maximo Junior.

Toda a operação correu bem.

A SITUAÇÃO

A subita desaparição, infamemente conseguida, do chefe do Estado, dr. Sidonio Paes — *aquele fóco que mesmo depois de apagado tem o condão de alumiar a senda do nosso destino*—como em carta nos diz um valioso amigo deste jornal, abriu na politica nacional uma nova faze, dificilima e gráve, para a qual só a decidida bôa vontade e patriotismo das forças sociaes poderão evitar um cataclismo para a Patria portuguêsa, grande e bela na sua secular historia, ainda que manchada de longe a longe, por actos de inexcedivel barbarie.

Arrastando-se num crescente agravame, a vida politica da nação; estrangulando-se brutal e apaixonadamente as mais belas e generosas aspirações do povo português para só dar logar ao choque de odios, pretenções e vaidades, apanagio dos grupos politicos que ha oito anos se debatem numa esterilidade e miseria impropria dos que pretendem guiar os destinos duma nação, a quem prometeram uma nova éra de engrandecimento e de felicidade; levada até á consumação dos mais revoltantes actos de cobarde selvageria o virus do seu odio, assassinando os que pretendem pôr côbro aos desatinos e crimes que esses grupos tem, numa vertigem ininterrupta de loucura, vindo constantemente praticando; a desaparição subita por tão infame processo do homem que consubstanciou a esperança da maioria do povo português, marcou e estabeleceu a inadiavel necessidade de não só ser posto um entrave forte á marcha desordenada, vil e perigosa desses grupos, como acudir com eficaz remedio á Patria que, aos olhos de todos, se exibe numa das suas mais angustiosas situações.

Assim, o exercito português, que escreveu com a sua espada e o seu sangue as mais belas paginas da historia patria, exaltando-a com suprema valentia e exuberante galhardia nos campos da França e nos matagaes africanos, impõe-se agora, não para o estrangulamento da Constituição e da Lei, pela força bruta das armas, mas para a defêsa do Direito, da Justiça e da tranquilidade publica, pondo um decidido fim á turbulencia desesperada de quantos, fanaticos e faciosos, sómente veem o triunfo dos seus programas e a satisfação das suas ambições, á custa, embora dos maiores crimes e das maiores infamias.

O paiz entrará no caminho de onde uma politica dissolvente e anarquica o arredou. O povo ha-de voltar á tranquilidade que merece, que precisa e que ha tanto implora, ouvindo apenas, em troca, bombasticos discursos dos que tinham o dever sagrado de cumprirem as promessas na oposição espalhadas a esmo.

Chegou o momento de se pôr ponto final nesta desregrada situação que dia a dia se tem agravado até á pratica do maior crime dos ultimos tempos.

A Republica não foi feita para manter idolos que escorrem de si o odio que arma braços de assassinos!

NECROLOGIA

Faleceu ante-ontem, vitimado por uma tuberculose pulmonar, que ha mezes o prostrara no leito, o sr. Antonio Ferreira da Encarnação, de 39 anos, solteiro, filho do falecido Abel Ferreira da Encarnação Duque.

Dotado de bons sentimentos e dum excelente coração, póde dizer-se, com segurança, que o desditoso Antonio não deixou entre os que ficaram neste vale de lagrimas uma queixa, ou sequer, um resentimento.

Pêsames aos seus.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Uma junta militar

No Porto constituiu-se logo após o assassinato do snr. dr. Sidonio Paes, uma Junta Militar, a qual, reunindo para deliberar sobre os acontecimentos politicos ultimamente desenrolados, resolveu lançar a seguinte proclamação:

A seita demagogica não desarma e conscia da impunidade, acaba de perpetrar o nefando crime de assassinar o presidente da Republica sr. dr. Sidonio Paes, que tanto se distinguiu na administração da causa publica, pugnando sempre pelos interesses vitaes do paiz e procurando em todos os actos estabelecer a ordem e a paz na sociedade portugueza, cujos fundamentos os odios do jacobinismo tinham profundamente abalado. Tres balas assassinas abateram ao mesmo tempo o chefe do Estado e o comandante em chefe das forças de terra e mar.

As guarnições do norte não podiam cruzar, impassiveis, os braços perante a crise que neste momento assoberba o paiz e desde as primeiras horas após o vil atentado procuraram, com outras guarnições, estabelecer um governo de ordem que jugulasse de vez a furia revolucionaria.

E como quer que os partidos politicos se insurgissem contra tão generosos intentos, dificultando a organisação de um governo militar, que sintetisasse o pensar e as aspirações do povo portuguez, as guarnições nomearam de entre os seus membros uma junta que servisse para assegurar a ordem, com base imprescindivel do funcionamento regular da administração publica. Alheia por completo a intuitos politicos e liberta de todos os preconceitos, animada do mais acrisolado amor á sua patria querida, a junta acata as determinações de s. ex.ª o presidente da Republica Portugueza, a quem dirige, neste momento solene, as suas saudações respeitosas.

E com o mesmo respeito lembra a necessidade de normalisar, de pronto, a situação do paiz, que o atentado de 14 de dezembro agravou, saneando a sociedade portugueza nas suas complicadas engrenagens, libertando a consciencia publica, moderando os instintos ferozes duma parte, embora minima, da sua população, impedindo os atentados pessoaes, castigando inexoravelmente a duramente todos aqueles que não possam ser evitados e procurando, finalmente, por todos os meios, estabelecer a paz, a ordem e a tranquilidade de ha tanto tempo divorciadas da Nação Portugueza. E emquanto se não organisa um governo nas condições que o decoro da Nação exige, a Junta apela para os generosos e patrioticos sentimentos dos habitantes da heroica cidade do Porto e de todo o paiz, confiando que todos eles saberão coadjuvar eficazmente a sua acção na manutenção da ordem, principal objectivo da sua constituição.

Mas se porventura não fôr escutada a sua voz implorante, a Junta assumirá toda a acção governativa, com todas as responsabilidades que lhe são inherentes.

Viva a Patria!
Viva o Exercito!

Porto, 18 de Dezembro de 1918.

A Junta Militar,

(aa) *Gaspar da Cunha Prelada, coronel de infanteria; Artur Maria da Silva Ramos, coronel de engenharia; Jaime Carvalho da Silva, tenente-coronel de cavalaria; Antonio A. Solari Alegro, capitão de cavalaria; Aires d'Abreu, capitão de artilharia e do estado-maior.*

Por seu turno, o governador civil do Porto, major sr. Alberto Margaride, que, por sinal, é monarquico, forneceu aos jornaes estes esclarecimentos sobre a atitude dos seus colégas do exercito, que tambem são da maxima importancia, motivo porque devidamente as arquivamos para a historia triste dos primeiros oito anos de Republica:

O exercito deseja apenas que no paiz se faça uma administração honesta e digna de um povo de tradições.

Está incondicionalmente ao lado do sr. Presidente da Republica para dar um mais forte apoio a s. ex.ª e coadjuvar a sua acção contra quaesquer manejos partidarios para que possa libertar-se das ambições politicas que tanto e tanto teem prejudicado a solução dos problemas vitaes da nacionalidade portugueza, mostrando assim a sua união.

E, por isso, resolvem dirigir ao paiz uma proclamação em que puzesse, bem a claro, os seus nobres intuitos.

Ha no exercito uma má disposição contra os politicos que, nestas horas gráves, procuram apenas satisfazer os seus interesses partidarios e, muitas vezes, inconfessaveis ambições pessoaes, em prejuizo manifesto dos interesses da nação.

E' preciso acabar com essa situação.

E, como não esquecem ainda o procedimento havido por eles, quando dos ultimos governos de acalmação do tempo da monarquia e a quando do governo de Pimenta de Castro, e não esquecendo que foram sempre os manejos politicos que concorreram para o estado em que o paiz se tem encontrado, e ainda cheio de tristeza e de mágua por vêr desaparecer, covardemente assassinado, o chefe da nação, que tanto estimava, que tanto prestigio tinha dentre de si e que havia realisado o milagre de o verificar, ele que, ha tanto tempo, andava separado, quer mostrar a necessidade da constituição dum governo que dê ao paiz todas as garantias de ordem e segurança.

Quer ainda um governo capaz de fazer punir, com todo o rigor, o crime agora praticado, o qual deixou de luto a nação portugueza.

Assim como o exercito pensa, egualmente o pensa a marinha, junto da qual, e glorificando o sr. dr. Sidonio Paes, foi alvo do primeiro atentado contra a sua vida.

E' isto o que tenho a dizer e foi isto o que levou as guarnições militares do norte a darem o passo que acabam de dar.

Em bôa verdade não se póde negar que os intuitos manifestados pela Junta Militar do Norte, sejam máus.

Nós sômos por principio e por educação contra os governos de força e especialmente contra as ditaduras militares. Mas nós entendemos tambem que Portugal atravessa uma das maiores crises porque tem passado e á qual é preciso pôr côbro no mais curto praso, sob pena de não nos ser reconhecida capacidade governativa e então complicarem-se as coisas de fórma a nunca mais voltarmos a ser quem sômos.

Haja juizo! — estâmos fartos de o repetir nestas colunas aos politicos que conduziram o paiz ao estado em que se encontra.

Haja juizo! — é ainda o nosso brado na hora em que o elemento militar se prepara para tomar conta do governo da nação, na hora em que tantas apreensões sugerem e tanto se receia pelo dia de ámanhã.

Impõe-no a dignidade da Patria, a honra da Republica.

Registando

Entre a imensidade de telegramas que de diferentes pontos foram enviados ao capitão sr. Eurico Cameira, intimo do falecido presidente da Republica, conta-se o que desta cidade lhe transmitiu o conhecido advogado monarquico dr. Jaime Silva, assim concebido:

Aveiro, 21—Peço a v. ex.ª em meu nome e dos meus amigos o favor e a honra de nos representar nos funeraes do grande portuguez que foi o dr. Sidonio Paes, figura moral, inconfundivel fiador e garantia da felicidade da nossa patria, a cuja memoria presto todas as minhas homenagens, as mais sentidas e as mais cordeaes.

O meu enorme sentimento encerra a mais viva repulsão pelo vil atentado que privou Portugal desse grande espirito, desse grande coração, desse patriota entre todos o maior.

Aveiro, gratissimo ao grande morto, acorreu á estação do caminho de ferro para, em larga romaria, se representar em Lisboa nessa grande manifestação áquele que foi o seu melhor chefe.

A companhia anulou o comboio especial anunciado, talvez—quem sabe?—para bem honrar a memoria do dr. Sidonio Paes.

Vão as nossas maldições para quem concorreu para a maior desgraça da nossa patria.

(a) **Jaime Duarte Silva**

* * *

O sr. D. Manuel de Bragança dizem que exprimiu tambem as suas condolencias, indo junto do nosso ministro em Londres manifestar-lhe o seu grande pezar pelo atentado de que foi vitima o snr. dr. Sidonio Paes.

O FINAL DUMA ANARQUIA

Anuncia-se, ruidosamente, o final maximalista. O presidente Wilson, com efeito, propõe-se restabelecer, por via internacional, a ordem na Russia.

A proposta americana causou sensação. E, na verdade, duas consequencias de transcendente alcance dela derivam de modo insofismavel.

A primeira respeita á formação da Sociedade das Nações, que sai assim duma vaga e esfumada aspiração para o campo das realidades concretas. A decisão internacional fica deste modo, pela primeira vez, com uma sanção positiva. Ou não continuasse ao leme dos destinos humanos — o professor Woodrow Wilson!...

A segunda consequencia importa a afirmação dum grande principio. E' o da manutenção da ordem pela intervenção. *Não ha, com efeito, intencionalmente, o direito de viver na desordem. A Sociedade das Nações não o consentirá.*

Os russos serão, pois, os primeiros a aprender praticamente o novo direito publico. Traidores para com os aliados e para com a propria existencia humana, não é muito que se lhes ensine a viver em ordem e a não deixar falar, pelo menos, tão tristemente de si.

A mão de Wilson, de resto, em seu justiceiro mando, será a um tempo suave e rispida. E' que na Russia, a miseria e a ignorancia dos seculos tem a sua larga parte na ruina da patria. Ha desgraçados, portanto, a socorrer. O castigo inexoravel—como a lobos que desceram ao povoado—ficará integro para os obreiros responsaveis da infamia bolchevista. Para esses, como não ha muito acentuava iradamente Clemenceau: *tudo é pouco...*

E' que seja qual fôr, no campo economico, social e politico, o destino das ideias agitadas na Russia cometeram-se crimes de lésa-humanidade.

Num... altar

Duma correspondencia de Vila Chã para o *Cávado*, de Espozende, lêmos:

Dr. Afonso Costa

Num retabulo de um altar da igreja desta freguezia, em que figuram as almas do Purgatorio, incluiu o artista—numa recente reforma que nela fez a oleo—o retrato do referido estadista. Não se esqueceu até de o pintar com a respectiva luneta.

O sr. dr. Afonso Costa, sabendo do caso, não deixará de agradecer a honra que lhe déram de o incluirem, já, num logar de transição, como é o Purgatorio; mas não deixará de extranhar tambem como se faz chegar tanto ridiculo e atrevimento a logares de muito respeito e seriedade.

A arte quer-se educada.

Esta de mandar o chefe democratico para o Purgatorio, com luneta e tudo, não lembraria ao diabo, mas ocorreu ao notavel e genial pintor de Vila Chã.

Não é nova, porêm, a ideia.

Supômos que o pintor—já agora celebre—de Vila Chã, copiou da capela do Conde de Sucena, em Agueda, a lembrança, pois este tambem mandou pintar na téla que fica ao centro do altar-mór, o retrato do pae a quem um anjo estende as mãos para o arrebatar daquele... martirio!

Para o caso de agora o que nos vale é o comentario do correspondente—*a arte quer se educada!*

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 18

(Retardada)

Assunto obrigado, palpitante, aquele que a todos sobrelevará por algum tempo, o nefando crime que teve por mobil o aniquilamento duma existencia preciosa como era a do ilustre catedratico, dr. Sidonio Paes, ora elevado ás culminancias de presidente da Republica.

Não temos palavras para verberar o acto indigno que acaba de ser praticado, nem a serenidade precisa, neste momento, para qualificar o gesto do facinora que em tão má hora levou a cabo o seu audacioso intento.

Diremos apenas que Portugal precisa de ordem nas ruas, serenidade e socêgo nos espiritos.

Isto não é vida. Isto está longe de nos honrar porque é selvagem, é cafreal, e um paiz que não tem meios para conter o impeto dos exaltados, é um paiz perdido.

Continuem os politicos a trilhar o caminho que teem seguido, que hão-de da-las têsas.

C.

Idem, 25

Por virtude do luto nacional a que obriga a morte do desventurado chefe da nação, não se efectuou no domingo o arraial de S. Tomé, cujos mordomos se preparavam para lhe imprimir este ano desusado brilho, taes os preparativos que dia a dia se iam observando. Assim, apenas houve missa cantada e sermão na igreja, ornamentada a capricho pelos habeis armadores aveirenses, srs. Francisco Carvalho e filho, tendo-se de tarde arrematado alguns pés de porco, que nos dizem ter rendido mais de 100 escudos, tantas são as ofertas que ao santo vão ter do saboroso petisco.

No futuro ano deve servir como juiza da festa a interessante Maria das Dôres Braia Marques, filha mais velha do nosso amigo, sr. dr. Abilio Marques, pelo que se espera que ela revista excepcional imponencia a avaliar pelos elementos com que conta para a levar a cabo.

—— Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma creança do sexo feminino, a esposa do snr. Ernesto Maia, aspirante dos correios e telegrafos em Aveiro.

—— Passou hoje o dia na Quinta do Sino, de visita á familia do director de esta folha, que ainda ali se encontra desde o verão passado, o snr. dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, sua esposa e filhos.

C.

Alquerubim, 17

(Retardada)

Só se fala na morte do snr. Presidente da Republica! E' o assunto de todas as conversas. Uns querem que as muitas prisões sejam a causa do assassinato; outros dizem que o chefe do Estado tinha de ser assassinado naquele dia, e que em vários pontos da linha ferrea haviam preparativos para fazer descarrilar o comboio. O que é certo é que foi consumado um crime barbaro. Não se deve matar assim um homem!

Oxalá que esta morte não traga para Portugal alguma desgraça.

C.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*